

ESCOLARIZAÇÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: O PERFIL COMPORTAMENTAL NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Luciane Silva da Costa¹, Tânia Santana de Almeida¹, Maxuell Machado Pereira², William Jhone Ferreira Dias³, Alex Júnior da Silva Santos⁴

¹Mestres em Educação pela Universidade federal de Santa Maria (UFSM). e-mail: <Luciane.costa@ifto.edu.br>, <taniasantana@ifto.edu.br>

²Especialista em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). e-mail: <maxuellmp@ifto.edu.br>

³Especialista em AEE - Atendimento Educacional Especializado. Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (FACIBRA). e-mail: <william.ferreira@ifto.edu.br>

⁴Acadêmico do Curso de bacharelado em Agronomia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). e-mail: <eng.a.santos@outlook.com>

Resumo: A inclusão educacional escolar de crianças e jovens com Transtornos do Espectro Autista (TEA) vêm se mostrando um desafio a todos os envolvidos no processo educativo. Os educadores que atuam nesse contexto necessitam compreender as potencialidades e limitações dos estudantes de forma a planejar objetivos pedagógicos para promover avanços em sua escolarização. Este trabalho objetivou caracterizar a escolarização de estudantes com TEA nas classes comuns do ensino fundamental das escolas regulares municipais da cidade de Santa Maria – RS, quanto ao perfil comportamental dos estudantes no contexto escolar no intuito de ser um referencial junto ao Núcleo de Atendimento de Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE)/IFTO no atendimento de pessoas TEA na rede regular de ensino. A pesquisa segue o delineamento do tipo estudos de caso múltiplo, em que participaram doze educadores que atendem estudantes com diagnóstico do TEA em classes comuns. Foram analisados relatos dos educadores quanto ao comportamento, habilidades e dificuldades apresentadas pelo estudante com TEA no contexto escolar. Os resultados mostraram que a inclusão dos estudantes em classes comuns influencia positivamente na conduta comportamental dos mesmos. Salienta-se ainda a necessidade de investigações complementares a esta, que possam auxiliar na caracterização do processo de escolarização de estudantes com TEA.

Palavras-chave: autismo, escolarização, perfil-comportamental

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de estudos nos campos da educação e dos direitos humanos vem modificando o conceito, as legislações, as práticas educacionais e da gestão, indicando a necessidade de uma reestruturação das escolas de ensino regular e educação especial, para uma organização de sistemas educacionais inclusivos, garantindo o acesso de todos os estudantes e os apoios necessários para sua participação e aprendizagem (BRASIL, 2008).

A ampliação do caráter educacional inclusivo contribui para a ratificação de leis e diretrizes que buscam as garantias constitucionais para a pessoa com Transtorno do Espectro Autista - TEA, como a Lei 12.764/12, que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, 2012). Embora se tenha recorrido ao campo da psiquia-

tria para melhor compreender as manifestações do TEA no cotidiano do estudante, o empenho é contextualizá-lo no âmbito educacional, numa perspectiva de interface com a educação escolar, ou seja, com a escolarização (BELISÁRIO, 2010).

O TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico, apresentando déficits nas dimensões sócio-comunicativa e comportamental desde o nascimento ou começo da infância. O DSM-5 (APA, 2013) reconhece e prioriza a natureza dimensional desse conjunto de condições na tentativa de dirimir essas questões, classificando de TEA (Transtorno de Espectro Autista) em substituição à de TGDs. As características em comum passam a ser compreendidas como variantes de um gradiente de brando a severo, e os critérios principais para o diagnóstico do TEA são a comunicação social e os déficits e os comportamentos fixos e repetitivos; uma vez que é difícil separar os déficits de comunicação e os déficits sociais, pois estes se sobrepõem de forma significativa.

Para Belisário e Cunha (2009), compreender situações sociais e as regras implícitas no relacionamento interpessoal, comunicar-se de maneira interativa, assim como lidar com situações inusitadas implica em dificuldades para pessoas com TEA, pois estas exibem alterações cognitivas que comprometem sua capacidade de regular os seus comportamentos de acordo com o contexto, o que torna esses indivíduos muitas vezes inadequados e desadaptados socialmente já que a inflexibilidade excessiva, apego à rotina e a interesses restritos podem se constituir como barreiras a aprendizagem e participação na escola.

Segundo Schmidt (2008), uma das características que tem chamado a atenção dos pesquisadores acerca do comportamento da pessoa com TEA, é a agressividade. Vale ressaltar que o comportamento agressivo do sujeito com diagnóstico do espectro autista compromete o processo de inclusão desse sujeito em seu contexto escolar.

A abordagem inclusiva da educação especial em fazer cessar os encaminhamentos de estudantes às classes especiais, por não conseguir satisfazer as exigências do seu processo de escolarização, constitui um desafio que a escola comum tem de enfrentar, retomando os caminhos pelos quais ensina e buscando outros, alinhados à inclusão. A escolarização na perspectiva da educação inclusiva exige dos envolvidos nesse processo um olhar de constante transformação sob o fazer pedagógico.

Costa (2007) evidencia que as mudanças no fazer pedagógico em atendimento ao estudante com TEA foram possíveis a partir da problematização do próprio conceito de TEA, centrada nos contextos sociais de produção, manutenção e de reforço das habilidades desse estudante. Essa mu-

dança de olhar alertou acadêmicos, pais, educadores e profissionais sobre alternativas nas mediações pedagógicas, uma vez que a escolarização dos estudantes com TEA perpassa experiências significativas de aprendizagem. As alternativas nas mediações, sob esse novo olhar, partem das características específicas do estudante com TEA em seu contexto social e da identificação de suas habilidades. Camargo e Bosa (2009) apontam em seus estudos para a necessidade de investigações que demonstrem as potencialidades interativas de crianças com autismo e a possibilidade de sua inclusão no ensino comum, desde a educação infantil. A proposta deste estudo foi caracterizar o processo de escolarização de estudantes com TEA nas classes comuns de ensino fundamental das escolas regulares municipais da cidade de Santa Maria, RS, na perspectiva do educador quanto ao perfil comportamental do estudante com TEA no contexto escolar.

2 METODOLOGIA

Foi utilizado um delineamento do tipo Estudo de Caso Múltiplo, conforme caracterizado por Stake (1994), para quem a distinção de métodos qualitativos e quantitativos é uma questão de ênfase, já que a realidade é uma mistura de ambos. Nessa perspectiva, os estudos de caso visam uma maior concentração no todo para compreender o fenômeno na globalidade. Os casos devem funcionar de uma maneira semelhante aos experimentos múltiplos, com resultados similares - replicação literal ou contraditórios - replicação teórica previstos explicitamente no princípio da investigação (ALVES-MAZOTTI, 2006).

Os participantes desta pesquisa foram 12 educadores em classes comuns do ensino fundamental de escolas regulares municipais na cidade de Santa Maria, RS, que atendem estudantes com diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O estudo trata da atual investigação quanto à atuação desses educadores no atendimento aos estudantes com TEA nas classes comuns do ensino fundamental das escolas regulares municipais em Santa Maria, RS. Foram realizados os procedimentos devidos acerca das autorizações para a aplicação dos questionários e demais instrumentos de pesquisa necessários para a descrição, sendo apresentado aos professores o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Os educadores responderam uma Ficha Sobre o Atendimento à Pessoa com Autismo, que incluiu questões fechadas e abertas com descrições das características do estudante com TEA em seu contexto escolar.

A análise foi realizada de forma mista, ou seja, tanto quantitativa quanto qualitativa. A abordagem foi utilizada para a identificação das características do estudante na percepção e relato

do educador quanto ao gênero, idade, diagnóstico, uso de medicamentos, características da fala e da escrita, repetências anteriores e perfil comportamental.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A tabela, a seguir, apresenta a caracterização do estudante com TEA, segundo relato do educador, quanto seu diagnóstico, gênero e faixa etária.

Tabela 1 – Caracterização do estudante com TEA

	Estudante	Diagnóstico	Gênero	Faixa Etária	Tempo na Escola
Faz uso					
da fala	02	Autismo	M	8 anos	Até 1 ano
	03	Autismo	F	7 anos	Até 1 ano
	04	Autismo	M	13 anos	Mais de 3 anos
	05	Autismo	M	9 anos	Mais de 3 anos
	06	Asperger	M	10 anos	Mais de 3 anos
	07	Autismo	M	7 anos	Mais de 3 anos
	09	Autismo	M	7 anos	De 1 a 3 anos
	10	Autismo	F	6 anos	De 1 a 3 anos
	12	Autismo	M	6 anos	De 1 a 3 anos
	Não faz				
uso da fala	01	Autismo	M	10 anos	Até 1 ano
	08	Suspeita de Ret	F	10 anos	Mais de 3 anos
	11	Autismo	M	7 anos	De 1 a 3 anos

Fonte: elaboração própria

Observa-se que 1 (um) dos estudantes com TEA atendidos não possui diagnóstico definido, havendo nesse caso a suspeita de Síndrome de Rett, o que nos leva a reconhecer o quão importante e necessária foi a reclassificação do autismo como TEA no DSM-5, uma vez que o diagnóstico para o autismo se confundia com os demais transtornos caracterizados como TGDs. A caracterização do estudante com TEA nos remete à importância da formação do profissional da educação que atua com este estudante bem como sua participação no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola para fins da escolarização do estudante com TEA. Dos 10 (dez) estudantes diagnosticados com TEA, 7 (sete) fazem uso contínuo de medicamentos, assim como os estudantes com diagnóstico de Asperger e com suspeita de Rett. Observa-se que um mesmo estudante diagnosticado faz uso de vários medicamentos para seu controle comportamental, tais como: respiridona, trofaniil, ritalina, imipramina, topomax, fluoxetina, entre outros. A respiridona se destaca como o medicamento mais

utilizado pelos estudantes.

Tabela 2 – Perfil comportamental do estudante com TEA

Estudante	Joga Objetos	Fere	Cospe	Belisca	Morde	Chuta
01	Constante	Nunca	Nunca	Frequente	Nunca	Nunca
02	Ocasional	Nunca	Ocasional	Nunca	Nunca	Ocasional
03	Nunca	Nunca	Nunca	Nunca	Nunca	Ocasional
04	Nunca	Nunca	Nunca	Ocasional	Nunca	Nunca
05	Ocasional	Ocasional	-	Ocasional	-	-
06	Nunca	Nunca	Nunca	Nunca	Nunca	Nunca
07	Ocasional	Nunca	Ocasional	Frequente	Ocasional	Nunca
08	Nunca	Nunca	Nunca	Nunca	Nunca	Nunca
09	Nunca	Nunca	Nunca	Ocasional	Ocasional	Nunca
10	Frequente	Ocasional	Ocasional	Nunca	Nunca	Ocasional
11	Frequente	Ocasional	Ocasional	Ocasional	Nunca	Constante
12	Nunca	Nunca	Nunca	Nunca	Constante	Nunca

Estudante	Dá socos	Dá tapas	Dá cabeçadas	Empurra	Destrói Objetos
01	Nunca	Frequente	Nunca	Frequente	Constante
02	Nunca	Nunca	Nunca	Ocasional	Ocasional
03	Nunca	Ocasional	Nunca	Ocasional	Ocasional
04	Nunca	Ocasional	Nunca	Nunca	Frequente
05	Ocasional	-	-	Ocasional	-
06	Nunca	Nunca	Nunca	Ocasional	Nunca
07	Nunca	Nunca	Nunca	Nunca	Frequente
08	Nunca	Nunca	Nunca	Frequente	Nunca
09	Nunca	Nunca	Nunca	Ocasional	Frequente
10	Nunca	Ocasional	Nunca	Constante	-
11	Nunca	Ocasional	Nunca	Frequente	Frequente
12	Nunca	Nunca	Nunca	Constante	Nunca

Fonte: elaboração própria

Do perfil comportamental apresentado pelos estudantes, observou-se que 6 (seis), do total, nunca joga objetos nos outros, 3 (três) jogam ocasionalmente, 2 (dois) jogam com frequência e 1 (um) joga constantemente. Quanto a ferir os outros com objetos, constatou-se que 9 (nove) nunca tiveram essa atitude e que 3 (três) apresentaram esse comportamento de forma ocasional. Dos estudantes, 7 (sete) nunca cuspiram os colegas e 5 (cinco) tiveram essa atitude de forma ocasional. Quanto a beliscar o outro, 8 (oito) não têm tal conduta, 3 (três) apresentam-na ocasionalmente e 1 (um) belisca os colegas frequentemente. 8 (oito) dos estudantes nunca mordeu o colega, 2 (dois)

mordem ocasionalmente e 1(um) morde constantemente. Chutar os colegas é uma conduta apresentada por 1 (um) estudante frequentemente, por 4 (quatro) estudantes ocasionalmente e nunca apresentada por 7 (sete) dos estudantes com TEA.

Dar socos, assim como cabeçadas, nos colegas é uma conduta apresentada por 2 (dois) estudantes de forma ocasional, não havendo tal ocorrência entre os demais. 7 (sete) dos estudantes nunca deu tapas nos colegas, 4 (quatro) fazem isso ocasionalmente e 1 (um) com frequência. Quanto a empurrar os colegas, apenas 2 (dois) dos estudantes não apresentou a conduta, sendo que 5 (cinco) deles fazem isso ocasionalmente, 2 (dois) frequentemente e 2 (dois) constantemente. Por fim, destruir objetos é uma conduta apresentada por 1 (um) estudante constantemente, por 4 (quatro) frequentemente, por 2 (dois) ocasionalmente e 3 (três) estudantes nunca apresentaram essa conduta. Ressalte-se que, nos relatos, os educadores citam o *choro* como uma atitude constante entre os estudantes com TEA.

Os relatos dos educadores revelaram que 9 (nove) dos estudantes atendidos fazem uso da fala. Destes, 5 (cinco) falam frases inteiras, ao passo que 4 (quatro) apenas são compreendidos parcialmente. Quanto à autonomia do estudante em cuidados pessoais como alimentação, vestimenta e higiene, identificou-se que 3 (três) dos estudantes se vestem sozinhos, 6 (seis) alimentam-se sozinhos e 4 (quatro) higienizam-se sozinhos. Das habilidades do estudante, observadas e descritas pelos educadores, o desempenho cognitivo e a habilidade motora se destacam diferentemente da aceitação de regras e limites, da comunicação, da saída da rotina e do relacionamento com os pares, que se enquadram nas dificuldades apresentadas pelo educando com TEA.

Verificou-se ainda o tempo escolar dos estudantes e, nesta direção, ficou evidente que 6 (seis) possuem repetências anteriores e 4 (quatro) frequentam a escola num período entre 4 a 9 anos. Apenas 7 (sete) dos estudantes fazem uso da escrita e, destes, 4 (quatro) escrevem apenas o próprio nome. Quanto à leitura, 6 (seis) estudantes leem, contudo 2 (dois) apenas o próprio nome. A análise do resultado apresentado aponta que as características do TEA implicam em dificuldades específicas do estudante no processo de escolarização e que educador precisa ser conhecedor do manejo devido para essa condição no contexto escolar.

A agressividade não é apresentada por estes estudantes com frequência significativa e não é comprometedora de sua aprendizagem. Caso sejam adequadamente mediados pelo professor, estes comportamentos são amenizados e as barreiras à aprendizagem transpostas. Esse dado lança luz sobre a importância de uma mediação do professor sobre o processo de aprendizagem dos

estudantes, em especial aqueles com TEA, pois isto pode facilitar ou dificultar a aprendizagem.

Dos estudantes, apenas 3 (três) possuem tempo escolar inferior a 1 ano, e segundo Carvalho (2009), tanto o estímulo em descobrir seu potencial desde cedo como também frequentar classes comuns da rede regular de ensino podem melhorar a condição destas crianças. Além disso, pode fazer com que as dificuldades deixem de persistir, uma vez que a conduta comportamental foi apresentada na pesquisa como a maior dificuldade do estudante para o processo de escolarização.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conduta comportamental do estudante com TEA, por sua vez, foi pontuada nesse estudo como uma das maiores dificuldades para o processo de escolarização. Há de se considerar que as modificações naturais que ocorrem ao longo da trajetória escolar de alunos com TEA, tais como mudança de medicação, mudança de cuidador, de classe - colegas ou de educador, tudo o que quebra a rotina desse estudante pode comprometer o processo de escolarização. Assim, destaca-se a importância da comunicação entre família/escola, o que, para Belisário (2010), contribui para que, juntos, família e profissionais da escola, possam compreender mais rapidamente os motivos para eventuais retomadas de reações já superadas pelos estudantes com TEA. Caso a informação transcorra fluentemente entre esses ambientes, ambos terão ciência do que pode estar interferindo na aprendizagem do estudante e, assim, desenvolverem estratégias de enfrentamento para minimizá-las.

Por fim, conclui-se que este estudo possibilitou a identificação de subsídios quanto à conduta comportamental do estudante com TEA necessários para qualificar a prática pedagógica. Salienta-se ainda a necessidade de investigações complementares a esta acerca do reconhecimento das potencialidades e dificuldades presentes em cada protagonista do processo de inclusão de estudantes com TEA.

REFERÊNCIAS

ALVEZ-MAZZOTTI. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, v.36, n.129, p.637-51, 2006.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA (2013). DSM-V: *Diagnostic and Statistical*



Manual of Mental Disorders. Washington: American Psychiatric Association.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação: Referências: Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BELISÁRIO JÚNIOR, J.F. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Transtornos Globais do Desenvolvimento**. Brasília. Ministério da educação, Secretaria da Educação Especial; Fortaleza: Universidade federal do Ceará, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

_____. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**, Lei 12.764. Brasília: MPOG/MEC, 2012.

CAMARGO, S. P. & BOSA, C. A. (2009). **Competência social, inclusão escolar e autismo: Revisão crítica da literatura**. *Psicologia Social*. 21 (1), 65 – 34.

COSTA, M. S. C. da. **O silêncio e o invisível na relação professor-aluno: um estudo sobre autismo**. Monografia de conclusão do curso de pedagogia. Faculdade Brasília de tecnologia, ciências e Educação. Brasília. 2007.

KRISTEN, R., BRANDT, C. & CONNIE, K. General Education Teachers' relationships with included students with autism. In: **Journal of autism and developmental disorders**, vol. 33, p. 123-30, 2003.

SCHIMDT, C (2008). **Coparentalidade em famílias de adolescentes com autismo e comportamento agressivo**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

STAKE, R. Case studies. In DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Orgs). **Handbook of Qualitative Research**. Londres: Sage publications, 1994. p. 236-47.